

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL PARA A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Graziele de Lima Souza Cruz¹

Wilma de Lara Bueno²

RESUMO

Tendo em vista que uma rotina de leitura é fundamental para o desenvolvimento do indivíduo, esta pesquisa versa sobre a importância da literatura infantil, a fim de responder à problemática: Qual a importância de se trabalhar a literatura na educação infantil para a aquisição da linguagem? Para tanto, definiu-se como objetivo geral: estudar a contribuição da literatura infantil para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças, e, como objetivos específicos: pesquisar sobre o conceito do que vem a ser literatura infantil; verificar o início da literatura infantil no Brasil; conhecer autores e autoras que defendem a importância da literatura infantil para a aquisição da linguagem oral e escrita. Realizou-se, então, uma pesquisa de caráter qualitativo, com ênfase na revisão de literatura, destacando-se autores como Zilberman (1993), Abramovich (1995), Câmara (2009) e May (2014). Concluiu-se, a partir do estudo, que a literatura infantil exerce um papel fundamental para estimular a aquisição da linguagem nas crianças que frequentam instituições de educação infantil.

Palavras-chave: Literatura infantil. Aquisição da linguagem. Educação Infantil.

ABSTRACT

Considering that having a reading routine is fundamental for the development of the individual, this research is about the importance of children's literature in order to answer the question: What is the importance of working with literature in early childhood education? To do so, it is necessary to Study the contribution of children's literature to the development and learning of young children who attend the kindergarten, as well as Understand the concept of what children's literature is; Check the beginning of children's literature in Brazil; Understand the importance of children's literature in language acquisition A literature review research is carried out: Zilberman (1993), Abramovich (1995), Coelho (2000) e May (2014). The conclusion is that children's literature plays a fundamental role in generating school motivation and language acquisition.

1 Faculdade Unina. Licenciada em Pedagogia. E-mail: gralika1981@hotmail.com.

2 Doutora em História, Professora e Coordenadora do Núcleo de Docentes e Pesquisadores da Faculdade Unina. E-mail: wilma.bueno@unina.edu.br

Keywords: Children's literature. Language acquisition. Early Years.

INTRODUÇÃO

Muitas crianças mostram-se atentas no momento em que escutam uma história infantil e são sempre estimuladas a querer aprender cada vez mais sobre diversos temas, o que contribui para o seu crescimento e para a formação de novos leitores (COELHO, 2000). Ter o hábito de ler é algo que precisa ser estimulado durante a infância, pois, dessa forma, é possível que as crianças tenham gosto pela leitura desde o início, o que pode ser prolongado até a juventude e a vida adulta, de modo a incentivar a formação de pessoas que desenvolvam o pensamento reflexivo, criativo e crítico.

Na literatura infantil, ocorrem particularidades, a partir do momento em que o leitor entra em contato com as personagens, bem como com as dimensões de tempo e espaço, entre outros elementos textuais. Percebe-se também que os temas não diferem daqueles presentes em outros tipos de leituras que circulam na sociedade, como a literatura para adultos e o texto jornalístico, por exemplo (GREGORIN FILHO, 2009), uma vez que, de maneira geral, a presença do herói ou da heroína, do vilão ou da vilã, do contexto social e dos costumes ou preceitos morais estão sempre presentes na construção da narrativa literária.

Os estudos mostram que ter uma rotina de leitura é fundamental para o desenvolvimento do indivíduo, afinal, por meio dessa prática, torna-se possível alcançar o conhecimento, o raciocínio próprio e também a interpretação do que está acontecendo a sua volta (CASTRO, 2005). Ter o hábito de ler constitui-se algo que precisa ser estimulado durante a infância, pois, dessa forma, é possível que as crianças tenham gosto pela leitura desde o início, o que pode ser prolongado até a juventude e incentivar a formação de pessoas para viver em sociedade.

Por isso, defende-se a literatura infantil como um caminho para melhor se desenvolver emoções, sentimentos e outras formas e sentidos das crianças. Para tanto, quanto mais cedo o seu contato com os livros, melhor será a sua

concepção sobre a leitura, tal como preceituam autores como Zilberman (1993), Abramovich (1995), Coelho (2000), Costa (2005) e May (2014). Além de estimular a criança e desenvolver aspectos cognitivos, a literatura na educação infantil promove o desenvolvimento do vocabulário, pois busca efetivar nela o mundo da literatura.

Partindo do interesse de se conhecer e estudar a relação entre o contar/ouvir histórias e o desenvolvimento das crianças, o presente trabalho teve o propósito de conhecer qual a importância da literatura infantil e em que medida ela contribui para a aquisição da linguagem entre os estudantes dessa faixa etária. Para atender a essa intenção, o trabalho também buscou pesquisar as particularidades do conceito de literatura infantil, bem como estudar o lugar que esse tipo de literatura ocupou na história do Brasil.

A metodologia fundamentou-se na abordagem bibliográfica qualitativa, com base em leituras de autores(as) de obras diversas e de consulta aos canais disponíveis via *internet*. Assim, buscou-se o método de revisão bibliográfica qualitativa, de caráter descritivo-exploratório, a partir de obras de autores(as) sobre a temática.

UM POUCO SOBRE A HISTÓRIA DA INFÂNCIA

Para subsidiar os estudos e atender ao propósito da pesquisa, foram abordados autores(as) que estudam a história da infância e o papel da literatura infantil para a formação das crianças, desenvolvimento da linguagem oral, escrita e da criatividade. Os(as) estudiosos(as) que se dedicam à história da infância evidenciam que durante um longo período nas sociedades ocidentais as crianças eram vistas como adultos em miniatura e inseridas em um ambiente igualitário ao dos adultos, sendo sua singularidade ignorada pela sociedade. Assim, as crianças exerciam tarefas hoje consideradas abusivas, pois vivenciavam acontecimentos e experiências da vida adulta sem restrições, o que se traduzia em negar seus direitos (DIDONET, 2001).

Somente por volta do século XVI, elas deixaram de ser vistas como adultos em miniaturas e passaram a ser consideradas em suas peculiaridades

fundamentais, ocorrendo assim a preocupação para serem educadas e socializadas da maneira que lhes era pertinente (KRAMER, 1995). Mesmo assim, durante muito tempo, era responsabilidade apenas da família educar seus filhos, pois as tradições e normas eram aprendidas apenas no convívio junto a outros adultos ou às crianças próximas, o que permaneceu principalmente na vida rural, em que elas eram educadas para o trabalho e observação das tradições camponesas.

Nessa perspectiva, ao longo dos séculos, uma mudança marcante sobre o conceito de infância também se acentuou com o nascimento da sociedade industrial, a partir do século XVIII, no Reino Unido, uma vez que a estrutura social mudou, transformando costumes e hábitos da sociedade, com as mulheres e os homens trabalhando fora de casa, deixando os seus filhos entregues à sua própria sorte. As mães operárias eram malvistas, identificadas como mercenárias e acusadas de abandonar seus filhos, nascendo, assim, em alguns países, a preocupação com a criação das creches, principalmente, quando se intensificou o trabalho feminino nas fábricas (RIZZO, 2003).

Nesse sentido, pode-se dizer que tais construções surgiram com o intuito de atender às necessidades do mercado de trabalho e aos cuidados com as crianças (RIZZO, 2003). Contudo, Paschoal (2009) comenta que, somente no século XIX, as crianças passaram a ser vistas pelo viés da humanização, ocorrendo, a partir de então, a preocupação com sua saúde e educação, traçando-se assim um caminho para a educação infantil.

Dessa maneira, no que diz respeito aos cuidados com a infância, constata-se que, ao longo do tempo, novas preocupações e métodos de ensino foram criados para atender em particular às crianças dessa faixa etária. No campo da Pedagogia, ocorreu o aperfeiçoamento do ensino na Educação Infantil, destacando-se os cuidados com a leitura, pois se considera que, quando as crianças têm a oportunidade de manipular livros e observar ilustrações nas leituras realizadas pelos seus professores, são lhes dadas oportunidades de explorar inúmeras possibilidades antes ignoradas, alimentando a sua imaginação e relacionando-a com a sua realidade (KRAMER, 1995).

Por esses caminhos, os estudos com foco na Educação Infantil

possibilitaram que as crianças, no ambiente escolar, criassem habilidades enriquecedoras por meio de leituras. Com o auxílio do(a) professor(a), que entende tais necessidades e, portanto, constitui-se o(a) mediador(a) do ensino, as oportunidades tornam-se ainda maiores.

A LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

Ao se pensar o Brasil, destaca-se que a literatura foi inicialmente marcada pela oralidade. Sobre a influência indígena, africana e portuguesa, a literatura brasileira, particularmente a infantil, tornou-se muito original. Com a chegada dos colonizadores, foi inevitável que sua cultura se implantasse sobre as demais, bem como suas histórias, ladainhas e narrativas, mas que passaram a se mesclar com as já existentes no Brasil, que por sua vez também se apropriaram da cultura africana, vinda dos escravizados:

No Brasil, depressa a velha indígena foi substituída pela velha negra, talvez mais resignada a ver entregue ao seu cuidado a ninhada branca do colonizador. Fazia deitar as crianças aproximando-as do sono com as histórias simples, transformadas pelo seu pavor, aumentadas na admiração dos heróis míticos da terra negra que no mais havia de ver. Dos elementos narrados pelas moças e mães brancas, as negras multiplicavam o material sonoro para áudio infantil. Humilde, Sherazade conquistava, com a moeda maravilhosa, um canto na reminiscência de todos os brasileiros que ela criava. Raramente vozes europeias evocaram as estórias que os tios e as tias narravam nas aldeias portuguesas. Os ouvidos brasileiros habituaram-se às entonações doces das mães pretas e sabiam que o mundo resplandecente só abriria suas portas de bronze ao imperativo daquela voz mansa, dizendo o abre-te, Sésamo: era uma vez. (ARROYO, 1968, p. 51-52).

Uma rápida recorrência em nossa história também evidencia o lento acesso das crianças à literatura e a ausência de livros e de autores que se dedicavam a esse público, além do que as obras que existiam no Brasil não eram produzidas por brasileiros, sendo adaptações das que existiam na Europa. Apesar disso, cumpre registrar que, no final do século XIX, ocorreram iniciativas com esse objetivo, por exemplo, a criação da Livraria Quaresma, de autoria de Pedro

da Silva Quaresma, o que ampliou o mercado de livros vindos de Portugal, particularmente, no Rio de Janeiro, onde ela foi fundada.

Toda a produção de livros tinha a curadoria de Pedro Quaresma, o que diferenciava suas obras e inclusive barateava o produto final, sendo que havia um cuidado minucioso com a seleção dos textos, visando privilegiar narrativas que cativassem, por meio da representatividade, o público nacional, além de incluir desenhos e gravuras, os quais encantavam quaisquer faixas etárias. Segundo El Far (2004, p. 24), era possível encontrar tipografias no estilo fantasia, além do uso variado de cores, que agregava esse raio mágico das suas obras. Pedro da Silva Quaresma tomou a iniciativa de oferecer às crianças brasileiras livros que tivessem uma linguagem mais acessível, contando com autores que marcaram a literatura infantil, como Olavo Bilac, Arnaldo de Oliveira Barreto e Carlos Jansen Muller (ZILBERMAN, 1993).

Conforme Zilberman (2003), Olavo Bilac (1865-1918) foi um autor que contribuiu com suas obras, as quais são lembradas por várias gerações. Sua primeira publicação infanto-juvenil foi *Poesias Infantis*, cuja primeira edição ocorreu em 1904; e a obra *Ao leitor*, que, por descuido da “oficina impressora”, só foi publicada na 2ª edição.

No prefácio de seus livros, Bilac explicava que a intenção não era publicar obras herméticas; ao contrário, o objetivo era ser pragmático e natural, sem dificultar a linguagem, criando métricas subjetivas, no entanto sem ser fútil, o que geralmente se encontrava em livros do mesmo gênero (BILAC, 1904, *apud* ZILBERMAN, 1993, p. 4). Tendo em vista essas afirmações, Olavo Bilac buscava, com seu trabalho, contribuir para “[...] educação moral das crianças do país” (BILAC, 1904, *apud* ZILBERMAN, 1993, p. 4), e que, se os tão jovens leitores gostassem de seus versos, ele estaria satisfeito e daria “otimamente empregado” com sua tentativa. Depois de seis anos da sua primeira publicação (1910), Olavo Bilac, em conjunto com Manuel Bonfim, apresentou a obra *Através do Brasil*, livro que deixa explícito seu ponto de vista de como deveria ser feita a literatura infantil em uso escolar.

Ainda na literatura infantil, a partir do contexto de sua época, Monteiro Lobato (1882-1948) foi outro autor reconhecido para o público infantil, ao tornar

pública sua primeira versão de *A menina do nariz arrebitado*, com foco nas aventuras de uma avó, sua neta órfã e a inseparável Emília, uma boneca de pano que não tinha papas na língua, além de tia Anastácia, empregada doméstica da casa. Com base nesses personagens, Lobato deu vida a vários outros que faziam parte do Sítio do Pica-pau Amarelo, ambientados em região interiorana brasileira.

Também em se tratando da literatura infantil no Brasil, destaca-se que o primeiro escritor a lançar uma obra nacional infantil voltada às paisagens, aos costumes e à terra brasileira foi Thales Castanho de Andrade (1890-1977), com seu livro *Filha da floresta*, publicado em 1921. Porém, o autor só obteve seu reconhecimento por meio do seu livro *Saudades*, publicado em 1967 e aprovado pelos críticos da época, sendo assim considerado um padrão para a literatura didática (ZILBERMAN, 1993).

A partir desses estudos, observa-se que, durante um grande período, a realidade vivida pela literatura infantil no Brasil não tinha a intenção de repassar atrativos ou beleza literárias às crianças, mas, ao longo dos anos, conforme o reconhecimento da importância da educação infantil, as histórias contadas foram modificadas e revisadas, fazendo com que a literatura infantil se tornasse importante recurso para auxiliar no desenvolvimento da aprendizagem, com inúmeros autores(as) que se dedicam a esse campo de trabalho.

Atualmente, as crianças têm, nas instituições de Educação Infantil correspondentes, a oportunidade de poder ampliar suas relações sociais e seu desenvolvimento mediante sua comunicação e interação, vivendo em um ambiente que as ensina a conviver com pessoas fora de seu círculo familiar, interagindo com a diversidade das outras crianças ali presentes. A função desses espaços (por exemplo, os CMEIS)³ é contribuir para a educação e o cuidado, considerando o desenvolvimento afetivo, cognitivo, motor e social das crianças dessa faixa etária (CABRAL, 2005).

Assim, as instituições educacionais que atendem crianças pequenas podem ser um poderoso espaço de criação. Partindo de propostas pedagógicas

3 Centro Municipal de Educação Infantil - Prefeitura Municipal de Curitiba/Pr.

bem estruturadas, as crianças são capacitadas a criar soluções para problemas diversos, formular novas hipóteses e reinterpretar velhas proposições. Para isso, é indispensável que as relações entre os sujeitos na sala de aula e os conteúdos sejam estabelecidas como maneira de aprofundar o conhecimento sobre os objetos. Por isso, torna-se necessário clareza sobre o papel do(a) professor(a) como autoridade, como mediador, como propositor que deflagra caminhos (PEREIRA, 2009).

Nesse sentido, quando refletimos sobre a importância da literatura brasileira na Educação Infantil, torna-se necessário identificar a forma como a criança se sente ao ouvir e olhar uma história ou ilustração e assim conhecer o seu repertório artístico-cultural. Quando isso, de alguma forma, é negligenciado, podem ocorrer problemas em sua educação, pois o intuito da leitura na primeira infância é contribuir para o desenvolvimento infantil, trazendo benefícios para a formação integral da criança.

Segundo Coelho (2000), a criança, por meio da literatura infantil, poder viajar em um mundo cheio de fantasia e desenvolver a curiosidade. Ou seja, a leitura pode ser vista, vivida, sentida, falada, ouvida e cantada. Autores como Coscarelli (2016) afirmam que a prática da leitura estimula o desenvolvimento, as aprendizagens e amplia as possibilidades de aquisição da linguagem.

A LITERATURA E A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Para Abramovich (1995), a obra literária aprimora a imaginação e a criatividade da criança, já que o contato com as histórias estimula a curiosidade e proporciona prazer. Para Câmara (2009), deve haver incentivo à literatura ainda na Educação Infantil, a fim de possibilitar o acesso ao mundo letrado, a princípio proporcionando experiências com a linguagem oral, lançando mão de imagens, textos pequenos, rótulos de produtos, etiquetas, livros ilustrados e de colorir, com o objetivo de que a criança possa se interessar pela leitura que lhe será guia para compreender o mundo externo/interno.

Ao contar uma história para a criança, estaremos oferecendo a ela um “alimento raro”, pois iremos colaborar para que o seu universo se amplie e

seja mais rico (BUSATTO, 2003, p. 12). Conforme o autor, ao escutar um conto/narrativa, a criança estimula o seu campo inventivo que lhe permite sentir, sorrir, conhecer lugares, momentos, formas de agir ou de ser, aumentando seu nível de criatividade, o que lhe dá oportunidade inclusive de se conhecer e se reconhecer no mundo em que habita, bem como as relações vivenciadas ao seu redor, que tanto podem ser reais como ficcionais.

De acordo com a fonoaudióloga Simes (2000), a contação de história tem como objetivo prender a atenção da criança ao mesmo tempo que lhe possibilita construir uma atitude investigativa e crítica:

deve-se estimular sua imaginação, ajudando-a em seu desenvolvimento intelectual, propiciando-lhe mais clareza em seu universo afetivo, auxiliando-a a reconhecer mesmo em forma inconsciente, alguns de seus problemas e oferecendo-lhe perspectivas de soluções, mesmo provisórias (SIMES, 2000, p. 23).

Segundo Reis e Kyriacou (2002), a literatura tem papel crucial na aprendizagem da criança, já que transforma a imaginação no senso crítico e na formação de ideias, o que contribui para o seu desenvolvimento pessoal.

Assim, considerando que, no processo de aprendizagem, alfabetizar significa codificar e decodificar algo escrito, a literatura serve como ferramenta indispensável, pois ela propicia oportunidades para que a criança se descubra também na alfabetização. Nesse sentido, Rubin e Leite (2010) afirmam que a alfabetização é um processo de representação de fonemas em grafemas (e vice-versa) de construção de significados, sendo necessário inserir práticas de leitura e escrita por meio da literatura. De acordo com Câmara (2009), a literatura e a alfabetização andam juntas, ou seja, já que a maioria das crianças gosta de ouvir histórias e se encanta com esse mundo de magia, essa atividade é de grande importância no processo de alfabetização. Com isso, o processo de ensino-aprendizagem é desenvolvido com mais qualidade, porque o professor deixa de desempenhar uma ação estática e torna o ensino mais ativo e motivador, em que a criança é estimulada a interagir com o conhecimento posto em questão (CÂMARA, 2009, p. 23).

Ainda de acordo com Câmara (2009), o ato de alfabetizar requer do

professor dinâmicas que envolvam letras, palavras, símbolos e textos, pois a partir daí os alunos irão aprender a ler e escrever, lendo e escrevendo. Inclusive, há um destaque para a escolha das histórias, visto que, quanto mais cativante elas forem, maior será o foco da criança, o que se intitula como “chave mágica”. Considera-se que, no início do seu processo de alfabetização, a criança não tem domínio da fala coerente, e os erros, como trocas de consoantes (r e l), são comuns; no entanto, o auxílio da literatura lúdica a leva a fantasiar, prendendo sua atenção (LURIA, 1991).

Assim, a literatura agrega muito para o desenvolvimento oral da criança, ou seja, nota-se que desde os primeiros meses de vida ela está exposta a textos, os quais vai interpretando, usando-os de maneira coerente à sua necessidade, além de querer participar no processo quando questiona, comenta ou cria novas perspectivas (REIS; KYRIACOU, 2002).

No momento de contar uma história a uma criança, o vínculo que permanece é o som da palavra dita, sendo isso o incentivo inicial vivido pela criança e a maneira como a literatura se apresenta a ela (CÂMARA, 2009). Segundo Reis e Kyriacou (2002), o primeiro contato da criança com a oralidade não é na escola, mas em seu lar, com a voz de seus cuidadores, em seus cuidados diários, como ao colocá-la para dormir, contando histórias. Esse vínculo afetivo diário diminui atritos relacionados ao seu desenvolvimento, deixando-a calma e imaginativa. No entanto, é na escola, na presença da pessoa do(a) professor(a), que existe o desenvolvimento dessas habilidades orais, aprimorando-as.

Dessa maneira, lançar mão de narrativas é de suma importância para adquirir uma boa linguagem oral e nesses contos pode acontecer interpretação por meio de teatros, confecções de fantoches, ilustrações de personagens, induzindo a criança a utilizar diversos meios para a representação de uma história contada a ela antes, aprimorando sua oralidade (BRANDT et al., 2009).

Nesse sentido, o(a) professor(a) deve compreender que é relevante para a formação dos estudantes escutar muitas histórias, sendo esse contato das crianças com essas narrativas o caminho para a compreensão do mundo (ABRAMOVICH, 1995). Brandt et al. (2009) ressaltam que o profissional da educação deve incentivar situações nas quais os alunos realizem a recontagem

de narrativas a partir de seu ponto de vista, ou seja, a reprodução com mudanças da história original. A reinterpretação oral dispõe de seu valor em si mesmo para a compreensão do texto, como aspectos e personagens, induzindo a criança a adquirir outra linguagem também de grande valor: a escrita (BRANDT et al., 2009).

Na abordagem histórica acerca do surgimento da linguagem, a escrita vem depois da oralidade, no entanto ambas caminham lado a lado, auxiliando uma a outra na aprendizagem. Em conformidade com o que foi dito, Colombo (2008) afirma que, quando um indivíduo ouve uma história, ele aprimora a leitura e a imaginação, o que o leva a assimilar as palavras do texto lido para o escrito. Ou seja, a pessoa que adquire o gosto por escutar histórias, possivelmente, buscará lê-las também ou inclusive escrevê-las, visto que o gosto de contar é semelhante ao de escrever, além de os primeiros narradores constituírem-se em antepassados anônimos de todo escritor (BRANDT et al., 2009, p. 180).

Nessa perspectiva, Busatto (2003) assegura que a literatura infantil assume seu papel no processo de aprendizagem e no domínio da escrita por conceber histórias cativantes, as quais são constantemente recontadas pelas crianças, corroborando para o surgimento de textos e desenhos. Essas narrativas podem ofertar muito além de universos ficcionais, trazendo também a cultura e a representação de valores sociais, possibilitando à criança repassar para folhas de papel seus sentimentos e emoções, indo ao foco desejado das propostas planejadas (LOPES NETO, 2009).

Assim, ao escutar os contos, a criança cria e aprimora também o seu conhecimento da linguagem escrita, que não se delimita a reconhecer marcas gráficas, reproduzi-las ou interpretá-las, mas envolve gênero, estrutura textual, funções, formas e recursos próprios da linguagem. Com a prática de escuta, a criança aprende a base da história, passando a ter interesse pela unidade e sequência do texto; ligações convencionais que orientam as nossas expectativas ao escutar narrativas; o papel esperado de um lobo, de um gato, de um rato, de uma princesa; marcadores iniciais e finais (era uma vez... e viveram felizes para sempre) comuns para a aquisição da linguagem escrita. Aprende pela prática o som de um texto escrito lido em voz alta (LOPES NETO, 2009).

A partir dessas considerações, a literatura infantil constitui-se um forte e indispensável mecanismo no processo de aquisição de escrita, visto que ela capacita a criança ser leitora, já que a instiga a procurar ler, interpretar e fantasiar a narrativa. Nesse sentido, a criança, mesmo antes de ler e escrever as primeiras letras, já participa ativamente dos processos envolvidos nessa aquisição (SIMES, 2000, p. 25).

Assim, o uso da literatura como mecanismo (meio) de ensino faz com que a criança aprimore ou adquira sua linguagem oral e escrita, pois, de acordo com Castro (2005), a literatura é o pilar principal que mantém firme todo e qualquer conhecimento que seja construído.

Nesse quesito, o(a) profissional/professor(a) deve lembrar um artista para desvendar os mistérios da alfabetização. A leitura e as histórias interpretadas podem ser um mecanismo de fundamental importância, visto que, nessa interação da criança, aflora a vontade de realizar o ato de ler o texto escrito, simplificando, assim, o processo de formação de um leitor crítico (CÂMARA, 2009, p. 24).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos revelaram-se altamente esclarecedores para a pesquisadora, uma vez que confirmaram a importância da literatura para a aquisição da linguagem oral e escrita. Conforme os autores consultados, a criança que vivencia um espaço no qual as narrativas fazem parte do seu cotidiano apresenta disposição mais acentuada para se comunicar, seja de forma oral ou escrita, o que vem despertando a atenção das famílias e dos profissionais da educação.

Durante muito tempo, as crianças não foram respeitadas em sua condição e eram consideradas “adultos em miniatura”, o que se denunciou graças às pessoas sensibilizadas pela natureza humana, social, cultural e histórica, criando-se instituições e escolas com programas especiais de atendimento às crianças desde as bem pequenas até mesmo bebês. Ou seja, constatou-se que uma das formas de se privilegiar o desenvolvimento da infância parte da escuta

de histórias, em que a linguagem escrita e oral se encontram entrelaçadas, encaminhando-se para a reconstrução da história lida (recontar histórias), prática que acolhe as contribuições de experiências e conhecimentos das crianças, as quais, em sua fala, carregam seus modos próprios e particulares de pensar, formando elos de troca de ajuda mútua (BUSATTO, 2003, p. 20).

Ainda que essas conquistas sobre o lugar da infância na história da humanidade sejam recentes e ainda não universais, pois existem povos que exploram a condição infantil ou não lhes atribuem os valores necessários, os esforços dos(as) pedagogos(as), professores(as) e demais profissionais da educação têm trazido o reconhecimento da sociedade para se privilegiar a atenção para o público infantil, na qual a literatura ocupa papel fundamental. Essa temática inspira novas e exigentes pesquisas como um compromisso com a qualidade de vida e cidadania dos povos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1995.

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes**. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

BRANDT, A.L.; GUSTSACK, F.; FELDMANN, J. **Reflexões sobre a contação de histórias: uma proposta para integrar oralidade, leitura e escrita**. Conjectura, v. 14, n. 2, maio/ago. 2009. Acesso em 04 de nov. 2021.

BUSATTO, C. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CABRAL, A. C. F. C. **Formação de Professores para a Educação Infantil: um estudo realizado em um Curso Normal Superior**. Belo Horizonte, Editora, 2005.

CÂMARA, M. T. **A importância da leitura na alfabetização. 2009**. 34 f. Monografia (Especialização em Língua e Literatura) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2009. Disponível em: <http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/00003D/00003D70>. Acesso em: 05 nov. 2021.

CASTRO, E. F. **A importância da leitura infantil para o desenvolvimento da criança.** Acara. UVA, 2005.

COELHO, N. N. **Literatura infantil: análise didática.** 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMBO, F. J. **A literatura infantil como um importante instrumento no processo de apropriação da linguagem escrita pela criança.** Marília: UNESP, 2008.

COSCARELLI, V. C. **Tecnologia para aprender.** 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

DIDONET, V. Creche: a que veio, para onde vai. *In: Educação Infantil: a creche, um bom começo.* Em Aberto, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, Brasília, v. 18, n. 73. 2001. p. 11-28.

EL FAR, A. **A disseminação do livro popular nas últimas décadas do século XIX e a trajetória editorial de Pedro Quaresma, proprietário da Livraria do Povo.** I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial. Rio de Janeiro, 2004.

GREGORIN FILHO, J. N. **Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores** – São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Conheça o Brasil – População. Educação. **Censo Brasileiro de 2020.** Rio de Janeiro: IBGE, 202-.

KRAMER, S. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

LOPES NETO, S. **Contos gauchescos & Lendas do Sul.** Porto Alegre: L&PM, 2009.

LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo. Ícone/Edusp, 1991.

MAY, G. P. et. al. **A importância da literatura infantil na educação infantil.** XXXVIII Semana Acadêmica da Pedagogia Educação e Cidadania 03 a 07 de novembro de 2014.

PASCHOAL, J. D. **A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional.** Revista HISTEDBR

On-line, Campinas, n. 33, p. 78-95, mar.2009. ISSN: 1676-2584.

PEREIRA, K. H. **Como usar artes visuais na sala de aula.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

REIS, E. C. A.; KYRIACOU N. de S. **Literatura infantil: um estudo sobre as contribuições para o desenvolvimento da linguagem oral da criança.** Belém/PA. UNAMA, 2002.

RIZZO, G. **Creche: organização, currículo, montagem e funcionamento.** 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

RUBIN, A. M. L.; LEITE, D. M. C. **A Alfabetização e o letramento por meio de diferentes portadores de textos: uma proposta metodológica para desenvolver habilidades de leitura e escrita no 5 ano do ensino fundamental.** Caxias/MA: CESC/UEMA, 2010.

SILVA, A. L. da. **Literatura infantil: qual a sua contribuição para o desenvolvimento da leitura nas séries iniciais?** Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

SIMES, V. L. B. **Histórias infantis e aquisição de escrita.** São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 14, n. 1, jan./mar. 2000.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola.** 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, R.; LAJOLO, Marisa. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos.** 4. ed. São Paulo: Global, 1993.